

A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA ANÁLISE DOS CONECTORES DISCURSIVOS¹

Noemí Domínguez García²

Massilia Maria Lira Dias³

noedom@usal.es

massiliadias@bol.com.br

RESUMO: Neste artigo, apresentamos uma análise dos conectores do espanhol e do português à luz da Teoria da Argumentação formulada, entre outros, por J. C. Anscombe e O. Ducrot. De todos os marcadores do discurso são os conectores os que se especializam em assinalar as relações argumentativas de adição, oposição e causalidade. *L'argumentation dan la langue* (Anscombe e Ducrot, 1983) estuda a relação entre os enunciados e os conectores que os introduzem a partir de condições como a força argumentativa, as escalas ou a polifonia. Assim, o espanhol e o português dispõem de conectores que introduzem o enunciado que mais pesa para a conclusão final (*sin embargo/no entanto*), ou que situam seu enunciado em um ponto alto ou máximo de uma determinada escala argumentativa (*incluso/inclusive, sobretudo*), ou que introduzem enunciados polifônicos, como os irônicos (*y eso que, eso si, mas bien*).

Palavas-chave: conectores; análise do discurso; argumentação; espanhol; português.

INTRODUÇÃO

A classe dos marcadores do discurso, que pode ser definida como aquela classe de palavras que atua relacionando enunciados entre si, contribuindo⁴ para a coesão

¹ A presente pesquisa se realizou no marco do projeto de investigação “IDELE: Innovation and Development in Spanish as a Second Language” (ref. 530459-TEMPUS-I-2012-1-ES-TEMPUS-JPCR), subvencionado pela EACEA no edital Tempus IV.

² Universidad de Salamanca.

³ Universidade Federal do Ceará.

⁴ Usamos conscientemente o término *contribuir* para reafirmar a ideia de que a aparição dos marcadores no discurso não é imprescindível para sua coesão (Ducrot 1982:144): nesse sentido, os marcadores do discurso *contribuem* unicamente para explicitar uma relação que existe *per se* no

do texto, é uma classe heterogênea em dois sentidos: está formada por unidades que pertencem a diversas categorias gramaticais (conjunções, advérbios, verbos, substantivos, interjeições), e estas, além disso, desempenham diferentes funções na organização do discurso. Assim, são marcadores do discurso as unidades em itálico no seguinte texto⁵:

[1]

Primero vinieron a por los negros, los drogaron, los metieron en un avión y los enviaron a sus países...*y* a algunos a la muerte; *pero* como yo no era negro no hice nada.

Luego fueron a por los políticos opositores de izquierda, pretendiendo con ello borrar de la faz de la Tierra a todo competidor incómodo; *pero* como yo no era un cargo político no me preocupé. *Más tarde* fueron a por los medios de comunicación críticos y no dóciles con sus dictados, atacando lo más sagrado de la libertad, la libertad de expresión, *y* como yo no era de ellos no me moví. *Finalmente* vinieron a por mí; *pero* ya era demasiado tarde...

Son muchos, están muy bien organizados y se dividen los papeles. Se encuentran en todas las parcelas del poder: el Gobierno, la magistratura, los medios de comunicación adictos, las grandes empresas..., *y* se mueven con toda libertad. Y nosotros, el pueblo, ¿cuándo nos moveremos? (*El País*, Cartas al Director, 9/5/1997).

[10b]

A Câmara Legislativa de Brasília é a prova cabal de que no Brasil, infelizmente, ainda não temos entidades públicas que não sabem por que existem. A Casa não sabe o que quer, para onde vai e para o que serve. Nunca deveria ter existido, *já que* só serve para ratificar as sandices do governador de plantão, e vice-versa. Devem-se ressaltar, *no entanto*, os parlamentares sérios que lá se encontram. Embora poucos, muito poucos, eles mesmos sabem quem são e foram a inspiração do processo de autonomia política do DF, que, *embora* fisiologicamente correto foi um desastre para Brasília e todo o DF. Vale destacar, *no entanto*, a incrível coincidência na matéria “A casa do espanto” (26 de maio) de VEJA, não relatada por seu autor: todos os senhores deputados mencionados no artigo são da base de apoio ao governador Joaquim Roriz (*Revista Veja*, Cartas do Leitor, 2004-2005).

discurso. Veja-se, porém, no discurso cuja continuação transcrevemos, que, apesar de não aparecer nenhum marcador do discurso, persiste uma dinâmica de tipo argumentativo:

La fuerte polémica sobre los tuits que han obligado a dimitir a Guillermo Zapata, más que redundar en el mismo hecho, debería abrir el debate sobre la utilización del lenguaje en las redes sociales. No es difícil encontrar insultos proferidos desde cuentas tras las que ciertas personas se esconden al tiempo que se crecen. Es necesario abrir el debate para diferenciar la libertad de expresión, el uso del lenguaje para plasmar la opinión sobre los diversos temas, y el libertinaje, el uso del lenguaje atentatorio contra la dignidad de los demás. Cuando el edil dimisionario dice que “la libertad de expresión tiene sus consecuencias”, tenemos que tener presentes que estas últimas no aparecen si se utiliza la primera correctamente (*elpais.com*, Cartas al Director, 21/6/2015).

⁵ Os exemplos do *corpus* em língua portuguesa formam parte da pesquisa da tese de doutorado “Los Conectores Discursivos desde la Retórica Contrastiva: uso y contraste español-portugués, apresentada em 2010, na Universidade de Salamanca - Espanha.

Os conectores são aqueles marcadores discursivos que sinalizam, e em numerosas ocasiões reforçam, o valor argumentativo presente nas relações de enunciados. Assim, no exemplo anterior, em língua espanhola, dois são os conectores que aparecem repetidamente: *pero*, conector contra-argumentativo, que introduz um argumento que se opõe - e se impõe - ao argumento do enunciado anterior; *y*, conector aditivo, que introduz um argumento que se acrescenta na mesma direção argumentativa dos argumentos anteriores. Os quatro argumentos, dispostos nos três parágrafos que conduzem à conclusão do parágrafo final, são, por sua vez, organizados mediante os ordenadores discursivos *primero... más tarde... luego... finalmente*. No exemplo, em língua portuguesa, também identificamos a presença dos conectores *no entanto* e *embora* que marcam uma relação contra-argumentativa, na qual os conectores introduzem argumentos que se opõem aos argumentos anteriores e que se impõem como mais fortes na batalha dialética; e o conector *já que*, que marca uma relação causal, na qual o conector introduz uma causa conhecida, que assume um sentido de “certa”, “suficiente”.

Os conectores operam, pois, na organização argumentativa do discurso, guiando as inferências que se deduzem do conteúdo dos enunciados, colocando em relação argumentos e conclusões e persuadindo o destinatário do acerto da intenção argumentativa do locutor. Seu contexto de aparição será, portanto, a *sequência argumentativa*, parte do texto no qual o emissor apresenta argumentos que tem que defender e argumentos que tem que rebater com novos argumentos que levarão a ele e, principalmente, ao destinatário a umas determinadas conclusões (Álvarez, 1994:25; Calsamiglia y Tusón, 1999:294). Nesse sentido, e embora esta possa ser encontrada em qualquer tipo de texto (expositivo, instrucional, descritivo, narrativo, conversacional, etc.), o tipo dominado pela sequência argumentativa é o *discurso argumentativo* (Adam, 1992:17-20), do qual o exemplo [1] pode ser considerado, entre outros, uma mostra: representa o gênero das cartas dos leitores de um jornal ou de uma revista, discurso argumentativo enormemente breve, por exigências editoriais, daí a necessidade de explicitar claramente, no menor espaço possível, quais são os argumentos que são defendidos e quais os rebatidos, assim como quais são as conclusões às quais o destinatário-leitor deve chegar por meio da

argumentação proporcionada pelo emissor-autor⁶. É lógico, portanto, que, nesse tipo de discurso argumentativo breve, os conectores cobrem um especial protagonismo.

1. A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA ANÁLISE DOS CONECTORES

A *argumentação* é entendida como um tipo de relação consistente na qual o falante proporciona uma série de argumentos que levam a umas determinadas conclusões contra ou a favor de uma determinada opinião (Ducrot, 1982:143; Anscombe y Ducrot, 1983:8; Van Eemeren et al., 1997:208-210):

[2a]

Un partido que asegura ser radicalmente centrista es un partido que nos está diciendo, a su manera, que es un partido de voltaje ideológico bajo [CONCL]. *Puesto que*, si se es radicalmente centrista, no se será nada que pueda espantar al elector incidental y volandero que atraviesa las zonas intermedias y menos estables del espectro político. [ARG] (ABC, Cartas al Director, 17/12/2004).

[2b]

A caça às focas é uma atividade econômica tradicional regulamentada por leis e normas que são rigorosamente executadas pelo Departamento de Pesca e Oceanos. A caça comercial de filhotes de foca em fase de amamentação é proibida no Canadá. As focas que são caçadas são animais independentes. Elas não podem ser capturadas quando estão em ambientes de procriação ou áreas de reprodução [CONCL]. *Visto que* o Canadá respeita os direitos dos indivíduos de se oporem à caça das focas [ARG], encorajamos as pessoas a formar suas opiniões com base nos fatos. Informações adicionais também poderão ser encontradas na brochura “Seis Fatos sobre a Caça às Focas no Canadá” no endereço www.canada.org.br (“A matança dos bebês”, *Veja*, 21 de abril de 2004).

Os argumentos que constituem uma relação argumentativa podem aparecer explícitos em enunciados do discurso e, portanto, pertencer ao contexto verbal, como é o caso dos dois discursos de [2]; mas a relação argumentativa pode também ser encontrada numa conclusão obtida de uma situação da realidade e, portanto, relacionada com o contexto extraverbal: Ducrot et al. (1980:146) e, a partir de deles, Moeschler (1985:53) e Escandell Vidal (1993:113-114; 1996:95-96), propõem um exemplo ilustrativo de conclusão dependente da realidade extraverbal com o advérbio

⁶ Para um estudo mais profundo da organização discursiva das cartas dos leitores de periódicos, leia-se Domínguez García 2002 y Domínguez García 2007. E, para um estudo contrastivo da organização discursiva entre os conectores da língua espanhola e da língua portuguesa, leia-se Lira Dias 2010.

modal *decididamente*: uma pessoa se levanta tarde porque seu despertador não tocou, chega tarde ao trabalho, com a conseqüente reprimenda de seu chefe e perde parte do trabalho de seu computador devido a uma queda de energia; esta pessoa, à vista de todas estas situações, emitirá o enunciado-conclusão “*decididamente*, hoje não é meu dia”.

A relação argumentativa pode estar explícita em dois enunciados que contêm, respectivamente, um *argumento* e uma *conclusão*: neste caso, o habitual é que somente intervenham dois enunciados expressos (Ducrot, 1982:143):

[3a]

Aun siendo la nota media de las chicas superior a la de los chicos, un estudio de la Organización para la Cooperación y el Desarrollo Económicos (OCDE) señala que ellas sienten menos confianza en sí mismas a la hora de abordar un trabajo y ante su futuro laboral. *Y eso, ¿no será debido a que, desde la infancia, el sexo femenino comienza a recibir mensajes y percibir situaciones que encauzan, encorsetan y obstaculizan el camino hacia la igualdad?, ¿no será que los papeles representados por la mujer en la sociedad a lo largo de siglos han estado situados de manera generalizada en un segundo plano de la vida política, económica y social?* [CONCL] Porque, *si la capacidad intelectual no distingue entre géneros, cómo explicar este sentimiento de inseguridad* [ARG] (*elpais.com*, Cartas al Director, 16/3/2015).

[3b]

A responsabilidade jurídica dos indígenas perante o direito civil é uma questão extremamente complicada, para a qual não se acham respostas fáceis. Sua indefinição é um dos “belos” legados da ditadura militar, como ainda existe na Lei nº 6 001, de 19 de dezembro de 1973, o famoso Estatuto do Índio, que deu continuidade a princípios tutelares anteriores, porém está em plena defasagem em relação à Constituição Federal em vigor. O Estatuto das Sociedades Indígenas, que deve adequar a legislação indigenista às determinações da Constituição, continua preso nas tramas de inatividade e desinteresse parlamentarista. Porém, uma minoria indígena é contra a abolição da tutela, já que ela oferece algumas vantagens políticas, econômicas e até judiciais. Como os não indígenas, os índios não são nenhuma massa homogênea. E, como na grande maioria da população brasileira, também há indígenas que querem aproveitar brechas nas leis em seu favor por motivos pouco pios. O massacre dos garimpeiros em Rondônia é, sem dúvida, mais que uma tragédia, [CONCL] *porque os guerreiros cinta-largas, em vez de prender e expulsar os invasores de suas terras, o que seria seu direito legítimo, optaram por uma retaliação totalmente desproporcional ao crime cometido* [ARG] (“Sem fé, lei ou rei”, *Veja*, 28 de abril).

Insistimos no caráter *expresso* de, ao menos, dois enunciados, já que pode haver outros pressupostos. De fato, esta relação entre dois enunciados que contêm

um argumento e uma conclusão é típica das relações argumentativas de causalidade (causa, consequência, finalidade e condição), que apresentam, para alguns autores, três componentes: um *argumento*, uma *conclusão* e uma série de *suposições*, implícitos (Gutiérrez Ordóñez, 2000:103-104).

[4]

[país católico] Hoy comemos pescado *porque es viernes*

[país católico] Hoje comemos peixe *porque é sexta-feira*

[SUP: los viernes son días de vigilia]

[SUP: as sextas-feiras são dias de vigília]

Hoy no comemos pescado *porque es lunes*

Hoje não comemos peixe *porque é segunda-feira*

[SUP: los lunes no hay pescado fresco]

[SUP: às segundas-feiras, não tem peixe fresco]

[niño ruso] Hoy comemos pescado *porque es miércoles*

[criança russa] Hoje comemos peixe *porque é quarta-feira*

[SUP: por orden gubernamental, los miércoles se sirve pescado en los colegios]

[SUP: por ordem governamental, às quartas-feiras é servido peixe nos colégios]

Hoy comemos pescado *#?porque es jueves*

Hoje comemos peixe *#porque é quinta-feira?*

Os conectores que estabelecem uma relação argumentativa de *causalidade* podem iniciar o argumento principal e mais poderoso do discurso, presente no enunciado que expressa o efeito, ou a consequência, ou o resultado; por esta perspectiva, é necessário falar da presença de um *ato diretor* (AD) e de um *ato subordinado*⁷ (AS), ou seja, um ato com a força argumentativa e outro ato que o justifica, apoia, explica: o enunciado que contém o efeito, a consequência, o resultado constituirá esse ato diretor, enquanto o enunciado que expressa a causa, a finalidade, a condição será o ato subordinado (Portolés, 1997:208-210):

[5a]

En su carta magna sobre la ecología, ‘Laudato Si’, el papa Francisco advierte de que “la Tierra nunca perdona” [AS]. Ha llegado el momento, *pues*, [AD] de afrontar un grave problema: el 95% de población española respira aire contaminado y por culpa de sus efectos fallecen más de 25.000 personas cada año (*elpais.com*, Cartas al Director, 1/7/2015).

[5b]

O Maranhão, com os piores índices sociais do país, é um exemplo da devastação provocada pela ação dos prefeitos e presidentes de câmaras nas finanças, na saúde, na educação e no IDH dos municípios. Aqui, infelizmente, são comprovadas as

⁷ Estes conceitos foram cunhados pela Escola de Genebra (Zenone 1982; Roulet 1985; Moeschler 1985), a partir dos estudos de Ducrot (1980) e de Anscombe y Ducrot (1983).

equações apresentadas na matéria, ou seja, que o atraso político e a impunidade são diretamente proporcionais à corrupção [AS]. A sensação de impunidade é generalizada e facilmente comprovada, *pois*, [AD] ao contrário do que ocorre no Rio Grande do Sul, aqui nenhum prefeito é condenado por desvio de recursos. Por mais que o Ministério Público reúna provas (e elas não são difíceis), não se consegue responsabilizar os ímprobos. (*Revista Veja, Cartas do Leitor, 2004-2005*)

Se a relação causa-efeito aparece como propósito ou intenção, estaremos ante a relação final⁸:

[6]
Los socialistas manejan bien la demagogia, el populismo y, sobre todo, la comunicación. ¿Los populares serán capaces de contrarrestar un PSOE tan poderoso? [AD]. *Para ello* [AS] es necesario que se eleve el listón, se libere de trepas y mediocres y se busque a los mejores (*La Razón Digital, Cartas al Director, 22/4/2004*).

Por último, se a causa é entendida como hipótese, estudaremos a *relação condicional*:

[7]
Yo creo que los italianos son antiamericanos. [AD]. *De lo contrario* [AS] no se entiende que no hayan aplazado un par de años la reapertura de la torre de Pisa, ese rascacielillo que lleva cinco siglos amenazando con partirse la crisma pero sin decidirse de una santa vez (*La Razón, Cartas al Director, 18/12/2001*).

Quando a relação argumentativa se estabelece entre enunciados-*argumento* frente à relação entre enunciado-*argumento* e enunciado-*conclusão*, como, por exemplo, em [8], em que temos o esquema [ARG. *Sin embargo* ARG], a conclusão pode encontrar-se explícita – observe-se o enunciado que fecha [8a e b], com o qual a relação argumentativa estaria composta de três membros expressos:

[8a]
Entiendo que todo país debe proteger sus recursos, sus medios de producción, y cobrar impuestos justos. Estos son, entre otros, algunos cometidos de las aduanas [ARG]. *Sin embargo*, creo que en algunos casos, los impuestos que deben pagarse a la

⁸ Na pesquisa realizada sobre conectores da língua portuguesa em Lira Dias (2010), em relação ao estudo da relação argumentativa de causalidade, a autora restringiu seu escopo à análise das relações argumentativas causais propriamente ditas e às consecutivas, não incluindo, em seu estudo, a análise da relação final e condicional e dos conectores que a introduzem. Dessa forma, nesse artigo, que tem como base, para análise dos conectores em português, o *corpus* da citada pesquisa, não indicamos exemplos com os conectores que estabelecem esse tipo de relação, ou seja, as finais e as condicionais.

aduana española son abusivos [ARG]. Recientemente compré a Japón mercancías para mi uso personal, imposibles de encontrar en España o en otro país europeo, por valor de algo más de 200 euros. He tenido que abonar en concepto de impuestos y gastos de aduana cerca del 40% del importe de la factura, que incluye los gastos de envío. Me parece abusivo, un robo [CONCL] (*elpais.com*, Cartas al Director, 22/6/2015).

[8b]

Os que conhecem minha trajetória como jornalista e professor de ciência política sabem de minha crença na democracia, na liberdade de expressão e na liberdade de imprensa como valores universais. Estou sujeito às críticas e comentários negativos como qualquer cidadão, ainda mais por exercer uma função pública. Recebo-os com tranquilidade e espírito desarmado [ARG]. Surpreende-me, *no entanto*, a tentativa de desqualificação profissional e pessoal em VEJA de 19 de maio de 2004 [ARG]. Esperava ter, por parte desse meio de comunicação, um tratamento compatível com a responsabilidade de se dirigir ao vasto público que a revista alcança [CONCL]. (///) [2ob] (*Revista Veja, Cartas do Leitor*, 2004-2005)

Mas também pode existir uma conclusão implícita, embora deduzível a partir dos argumentos proporcionados no texto (Moeschler, 1985:52-55), dessa forma a relação argumentativa somente contaria com dois membros expressos:

[9a]

Todo el mundo sabe que fumar perjudica seriamente la salud, y que también favorece ampliamente a la economía del Estado. Medidas como no dejar fumar en lugares públicos, en los colegios, lugares de trabajo e incluso en los restaurantes me parecen oportunas, ya que hay personas que no tienen obligación de soportar el humo que otros fumamos. *Pero* por otro lado, hay que saber que el impuesto sobre el tabaco es un ingreso fundamental para equilibrar los Presupuestos Generales del Estado (*El Norte de Castilla*, Cartas al Director, 15/6/2002).

[9b]

O perfil agressivo e predatório da política econômica internacional da China traz grandes riscos econômicos para o Brasil no setor siderúrgico. Em 2003, a China produziu 220 milhões de toneladas de aço, enquanto o Brasil, apenas 31 milhões (14% da produção chinesa), sendo que grande parte desse volume foi exportada para aquele país, deixando nosso mercado com falta do produto. Caso a China adote como prática vender 5% a 10% de sua produção ao Brasil a preço chinês, ou seja, bem abaixo do preço de mercado, poderá ocorrer o desmantelamento de todo o parque siderúrgico brasileiro. O governo deve olhar com entusiasmo essa promissora parceria econômica, *mas* sem deixar de lado os riscos estratégicos a que estaremos sujeitos. (*O que esperar da China, Veja*, 19 de maio).

Conclusões como “deixar de fumar repercute na economia do país”, ou “o Estado subirá os preços do tabaco si há menos fumadores [porque tem que equilibrar

os financiamentos]” são deduzidas a partir dos argumentos do texto de [9a], que inclinam o leitor a essa interpretação argumentativa. No discurso de [9b] também é possível, a partir dos dois membros expressos deduzir as seguintes conclusões: “essa parceria econômica pode trazer sérios riscos à economia do país” e “a parceria econômica com a China poderá trazer prejuízos ao setor de siderúrgico”.

Estes argumentos podem estar *coorientados*, ou seja, seguir uma mesma direção argumentativa que conduz a uma mesma conclusão, ou podem estar *antiorientados* - caso dos argumentos de [8] e [9] -, ou seja, que se enfrentam entre si e em que a conclusão definitiva é obtida do argumento vencedor dessa oposição: neste caso, falaremos de um *argumento* e de um *contra-argumento* e do estabelecimento de uma relação *contra-argumentativa*:

[10a]

No quiero plasmar en este escrito todos los sentimientos negativos y las reacciones agritudales, confusas y de impotencia total ante los hechos extradeportivos que se iban sucediendo en la jornada... y que no solo iban repercutiendo en mí, sino en los mismos competidores... y no quiero hacerlo porque lo tengo muy fácil. *Sin embargo*, no quiero dejar pasar la ocasión que me brinda este medio de comunicación para reflejar la "pesadumbre", e identificación con los atletas y su "malestar" para con la ¿organización? (*El Faro de Vigo*, Cartas, 18/6/2001).

[10b]

Cumprimento VEJA por destacar em sua última edição o problema da praga sigatoka negra, que vem sistematicamente prejudicando a produção comercial de banana no Brasil e no mundo (“O grande problema da nanica”, 28 de setembro). *No entanto*, gostaria de informar que nosso país já possui uma variedade da fruta resistente à doença (*Revista Veja*, Cartas do Leitor, 2004-2005).

Segundo Van Eemeren et al. (1997:208-210), quando ocorre este tipo de relação contra-argumentativa, o falante assume dois papéis opostos: protagonista e antagonista - o antagonista pode ser, inclusive, o receptor imaginado pelo falante e que tem que ser convencido por este -, ideia que se casa diretamente com o conteúdo polifônico e dialógico dos discursos argumentativos (Calsamiglia y Tusón, 1999:294), apesar de sua natureza ser monologal, como é, em sua maior parte, o discurso escrito.

1.1. A TEORIA DAS ESCALAS ARGUMENTATIVAS

Uma das teorias que sustentam a Teoria da Argumentação é a teoria das escalas argumentativas, segundo a qual, como nem todos os argumentos têm sempre a mesma força, as classes argumentativas possuem uma certa organização interna em escalas de maior a menor força ou grau argumentativo:

[11]

(a) María sabe mucho: tiene la licenciatura y ha terminado el doctorado

(a) Maria sabe muito: tem a licenciatura e terminou o doutorado

(b) #María sabe mucho: ha terminado el doctorado y tiene la licenciatura⁹

(b) #Maria sabe muito: terminou o doutorado y tem a licenciatura

Em uma escala de graus acadêmicos, a licenciatura ocupa um grau inferior ao doutorado, daí que o segundo enunciado, em relação ao saber de Maria, é mais difícil de compreender(#).

Podemos nos servir da teoria das escalas argumentativas para analisar o valor gradativo dos conectores aditivos, em espanhol, *es más, más aún, menos aún, máxime*, e dos operadores aditivos *hasta, incluso, ni (siquiera)*¹⁰. Assim, os conectores aludem a um grau “alto” em uma determinada escala argumentativa¹¹:

[12]

La emoción también puede ser injusta. *Más aún*, la emoción desatada y contagiosa es tan sincera como irreflexiva (*ABC electrónico*, Cartas al Director, 10/9/1997).

Neste discurso, o argumento que introduz o conector *más aún* situa-se em um grau “alto” de uma determinada escala de valores: assim, situaremos a “sinceridade e irreflexão”, aplicadas à *emoção*, em uma posição mais alta que a “injustiça”¹²:

⁹ Exemplo tomado de Escandell Vidal, 1996:104, com tradução nossa.

¹⁰ No *corpus* em língua portuguesa, foi encontrado apenas um único registro do operador aditivo *inclusive*.

¹¹ Não foram identificados registros do conector *mais ainda, ou ainda mais*, nos discursos registrados nos *corpus* de textos de referência em língua portuguesa. Atribuímos a ausência desse registro ao tipo do gênero textual utilizado; é por isso que os escritores preferem o uso do conector *sobretudo*, embora também com escasso número de registros, para expressarem um argumento que se situa em um grau alto numa escala argumentativa.

¹² Também a adjetivação neste exemplo cria outra escala argumentativa na qual “emoção” ocupa um grau mais baixo que a “emoção desatada e contagiosa”.

[13]

Yo quisiera hacer un comentario como bióloga. A mí no se me rasga ninguna vía neuronal cuando analizo el Génesis. *Es más*, me parece apasionante interpretarlo a la luz de la ciencia actual (*El Mundo*, Cartas al Director, 3/12/1996).

[14]

Pero con todo lo grave que es eso, cabría preguntarse, adicionalmente: ¿cómo es posible que el IPC de vivienda en alquiler haya podido subir más del doble que el IPC general? *Máxime* cuando los distintos estudios de mercado arrojan datos de que los precios de la vivienda en alquiler, que se situaron por las nubes hace tres o cuatro años, experimentan un estancamiento desde entonces, flexionando claramente a la baja en algunos casos, ante la incapacidad de la demanda (*El País*, Cartas al Director, 31/1/1997).

Em [13], situaremos a “paixão” em um grau superior ao “choque neuronal”; e em [14] situaremos a “subida de preços até o dobro” acima de “parada de preços”.

Em português, identificamos o conector aditivo *sobretudo* introduzindo um argumento que se situa em um “alto” grau em uma escala argumentativa:

[15]

Excepcional a abordagem de VEJA acerca dos desvios de verbas nas prefeituras municipais. Citados diversas vezes na reportagem, os analistas e técnicos de finanças e controle da Controladoria-Geral da União (CGU) sentem-se revigorados pelo reconhecimento de seu trabalho, pois, a despeito de todas as dificuldades estruturais e das críticas de determinados grupos políticos, esses incansáveis servidores vêm desempenhando papel primordial no combate à corrupção no país, *sobretudo* em decorrência do Programa de Fiscalização por Sorteios Públicos, cujos relatórios sintetizados são regularmente divulgados pela CGU. Contudo, é lamentável que a publicação das constatações apuradas pelos agentes fiscais esteja servindo mais para a adoção de medidas efetivas visando a prevenir e combater os atos irregulares dos maus gestores. (Revista Veja, Cartas do Leitor, 2004-2005).

Nesse discurso, o conector introduz o argumento de maior peso e decisivo para a conclusão final. Situaremos “os relatórios do Programa de Fiscalização por Sorteios Públicos” em um grau superior a “outros casos de corrupção como os desvios de verbas nas prefeituras municipais” e com um valor particularizador, pois, com seu uso, destaca o argumento que ele introduz.

O conector *más aún* tem tres variantes, *aún más*, *todavía más* e *más todavía*:

[16]

Lo que queremos denunciar es que desde Renfe no se hizo absolutamente nada para atender a los pasajeros afectados (en un total de doce estaciones costeras en plena temporada de verano). *Aún más*, cuando se exigieron soluciones tuvimos que

soportar razones ridículas como que no se encontraban autocares en toda Tarragona, que no se habían encontrado taxis para llevar un maquinista y un interventor hasta Tortosa, que no se podía parar el Intercity porque pertenece a otra “jefatura” (¿cómo podía circular si se nos dijo que la avería era de catenaria?) y, finalmente, que no se podía parar ningún otro tren por la diferencia de precio del billete (*La Vanguardia*, Cartas al Director, 16/7/1995).

[17]

Respecto a nuestro objetivo de limitar y reducir el armamento nuclear, hemos propuesto reducciones sustanciales de armas nucleares estratégicas y la eliminación de todas las de alcance medio. *Más todavía*, hemos expuesto nuestro compromiso con el objetivo último de eliminar cualquier tipo de arma nuclear (*ABC*, 7/5/1985).

Más aún se aproxima bastante do comportamento do conector *es más*. De fato, a única diferença que encontramos entre eles é estrutural: *más aún* pode introducir orações subordinadas (Acín, 1998:173-175), vedadas para *es más*. Nesse aspecto, coincide com *máxime* -veja [14].

O conector *menos aún*, com sua variante *menos todavía*, é o correlato de *más aún* nos argumentos negativos:

[18]

"Bibi" Netanyahu no parecía complacido con las palabras de Ariel Sharon. El futuro primer ministro instruyó a su portavoz, Shai Bazak, para que repitiera a los periodistas sus declaraciones de la víspera: que su Gobierno respetará todos los acuerdos suscritos por Israel en relación a Cisjordania. Lo cual *no* permite saber cuándo se llevará a cabo la evacuación parcial de Hebrón. *Menos todavía* cuál será la solución definitiva para esta turbulenta ciudad, donde 51 familias judías, radicales a más no poder, residen en medio de un océano árabe (*El Mundo*, 1/6/1996).

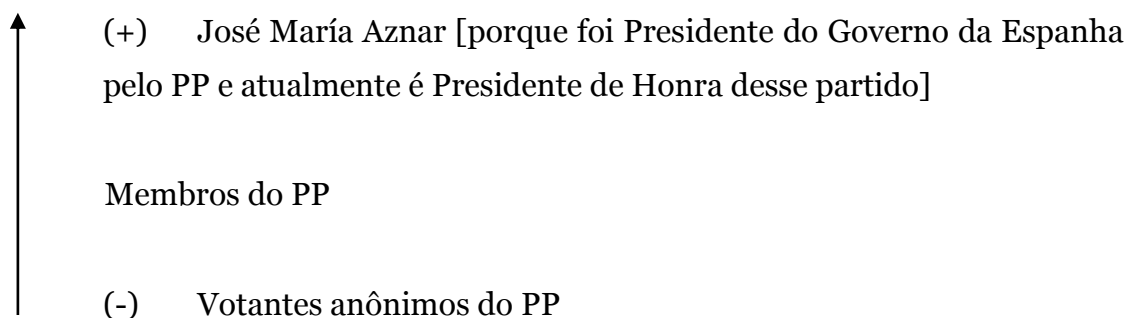
‘prazo para a solución definitiva’ (+) ↑
‘prazo para a evacuação parcial de Hebrón’ (-)

A teoria das escalas argumentativas também nos serve para diferenciar estes conectores gradativos dos operadores gradativos *hasta*, *incluso* e *ni siquiera*: com eles, o posto que ocupa na escala o argumento no qual aparecem é o grau ‘máximo’:

[19]

José María Aznar: “No hay votos cautivos. *Ni siquiera* el mío” (*abc.es*, 30/6/2015).

O operador *ni siquiera* se caracteriza por introduzir um elemento que será determinante para a conclusão pretendida pelo discurso (Barrenechea, 1979:17; Santos Río, 2003:604-605; Martí Sánchez, 1998:94; Sánchez López, 1999:1109). Assim, em [18], frente ao fechamento que supõe o enunciado anterior, e que se apresenta como suficiente para a conclusão argumentativa pretendida (“não há votos de cabresto”), o enunciado no qual opera *ni siquiera* não somente reabre a argumentação, mas a reabre com o elemento de *máximo peso argumentativo*, para voltar a fechá-la depois dele (López, 1994:310-311). E esse peso argumentativo adquire uma gradação mediante *ni siquiera*: o elemento por ele alcançado situa-se no posto *máximo* de uma determinada escala argumentativa (Anscombe y Ducrot, 1983): assim, em [18], ocuparia o grau *máximo* da escala de “personas com voto de cabresto para o Partido Popular [partido político espanhol de ala conservadora]”:



e, logicamente, o grau *mínimo* de expectativas de ser excluído (Fuentes, 1987:159-176). Dito de outra forma, o operador oferece *máxima* validade argumentativa porque seu alcance é o que *menos* se espera que seja reformulado. A esta capacidade *gradativa*, é necessário acrescentar, como característica distintiva do operador *ni siquiera* frente aos conectores gradativos, o surgimento de um matiz expressivo de “surpresa”, no sentido de que o operador alcança um elemento que se torna “inesperado” e, por isso, “surpreendente”: assim, em [18], espera-se que “o voto de José María Aznar” seja o melhor exemplo de voto de cabresto para o Partido Popular; no entanto, “*ni siquiera* o de José María Aznar é um voto cativo para o Partido Popular”, daí a surpresa.

O operador *ni siquiera* tem um correlato afirmativo nos operadores *incluso* e *hasta*¹³:

¹³ Não foram identificados registros dos operadores *nem sequer* e *até* no corpus textual de referencia em língua portuguesa.

[20a]

Oigo y leo cómo periodistas deportivos defienden, *incluso* con vehemencia, a Piqué. Se argumenta que lo ha dado todo en la selección. Piqué es como todos los jugadores españoles que afirman que pagarían por jugar en la selección, pero cobran, y de qué modo. ¿Dónde estaban los periodistas cuando trataron de pagar impuestos en Sudáfrica? (*elpais.com*, Cartas al Director, 17/6/2015)

[20b]

Muito interessante a reportagem “A receita dos bons alunos” (26 de maio), provando que projeto de cotas que o governo enviou ao Congresso para as universidades federais só vai piorar a qualidade do ensino, que é garantida até hoje não pela prioridade do governo para a educação, mas pela garra de professores e alunos. Que o Victor Manuel seja exemplo para muitos, *inclusive* para nossos governantes. (*Revista Veja*, Cartas ao Leitor, 2004-2005)

[21]

Sin justificación suficiente en artista de su trayectoria y profesionalidad, Plácido Domingo ha decidido no cantar en las cinco representaciones de Gianni Schicchi programadas en el Teatro Real a partir del 30 de junio. El teatro lo ha aceptado sin más, y lo sustituye en el cartel por un par de baritonos del montón. Prácticamente todas las entradas estaban vendidas, y ello es debido -todos lo sabemos- al deseo de los aficionados de oír una vez más al extenor. Quienes hemos pagado *hasta* 213 euros por una entrada nos sentimos estafados (*elpais.com*, Cartas al Director, 20/6/2015).

O fato de os jornalistas defenderem “inclusive com veemência” um jogador de futebol da seleção espanhola, suspeito de cometer fraude fiscal, é o *menos* esperado, por isso que eleva ao *máximo* grau, a “gravidade” desse fato. Em uma escala argumentativa de “defesa de um jogador suspeito de cometer fraude fiscal”, portanto, situaríamos a “defesa veemente” na posição *mais alta* (Ducrot, 1982:148-149; 1983:24-25; Portolés, 1998b:85); continuaríamos, por exemplo, com um grau de “defesa”, ou “defesa tímida”, e concluiríamos com um valor de “refutação” - esta seria a escala argumentativa e este o sentido pretendido pelo falante em sua argumentação: “o menos esperado dos jornalistas era a defesa de um jogador suspeito de cometer fraude fiscal. No entanto, não somente o defendem, mas *incluso* com veemência”.

No discurso em português, o operador *inclusive* coincide com *incluso* do espanhol, na capacidade de acrescentar um argumento que ocupa um grau alto – às vezes máximo - de uma escala argumentativa determinada ao introduzir um

enunciado como que de reforço e de força argumentativa superior na escala argumentativa do falante.

Em [21], se consideramos a sequência narrativa anterior ao enunciado que contém o operador *hasta*, comprovaremos que a escala argumentativa que deve ser aplicada se baseia no argumento “quantidade de dinheiro que se está disposto a pagar para escutar a Plácido Domingo” e, então, “213 euros” ocupa o posto *mais alto*.

As escalas argumentativas têm servido também para diferenciar três conectores contra-argumentativos aparentemente semelhantes: *en todo caso*, *en cualquier caso*, *de todas formas*¹⁴. Deles, o primeiro é o único que não pode opor graus que se encontrem em escalas diferentes (daí sua compatibilidade com os contextos excludentes e com a conjunção *sino*), enquanto que os outros dois podem opor graus de diferentes escalas argumentativas (daí sua incompatibilidade com a contra-argumentação excludente):

[22]

Santamaría bromea que la llegada de Alonso *no* refuerza su poder como vicepresidenta *sino en todo caso* el del ministro (*lainformacion.com*, titular del 12/12/2014).

Neste fragmento de discurso, a relação argumentativa estabelecida por *en todo caso* se aproxima da oposição excludente: “*no* vice-presidente Santamaría, *sino* ministro Alonso”. Encontramo-nos em um contexto de hipótese, “de haver um reforço de poder de alguém, será do ministro”. E, se ocorre essa hipótese, podemos estabelecer uma escala argumentativa em que o grau superior, “poder de vice-presidente [Santamaría]”, vê-se retificado por um grau menor (Martín Zorraquino y Portolés, 1999:4130), “poder de ministro [Alonso]”¹⁵. No entanto, em:

[23]

¿Sexista o superficial? *En cualquier caso*, críticas al nuevo anuncio de Media Markt en redes sociales (*prnoticias.com*, 5/6/2015).

Os graus que opõem *en cualquier caso* encontram-se em escalas diferentes (Portolés, 1998b:260-261): “sexista” e “superficial” são graus de escalas diferentes, e por isso a utilização do conector *en todo caso* neste discurso torna-se estranha:

¹⁴ Também não foram identificados registros dos conectores *em todo caso*, *em qualquer caso* e *de todas as formas*, no *corpus* textual de referência em língua portuguesa.

¹⁵ Além disso, e por esta possibilidade de estabelecimento de parâmetros escalares, pode encontrar-se também uma *atenuação* de força argumentativa (Ruiz y Pons, 1996:66-67).

“¿Sexista o superficial? #*En todo caso*, críticas al nuevo anuncio de Media Markt en redes sociales”¹⁶.

1.2. A TEORIA DA FORÇA ARGUMENTATIVA

Outro conceito da Teoria da Argumentação que pode ser aplicado à análise dos conectores é o de *força argumentativa*, do qual deriva a noção de *suficiência* ou *insuficiência* dos argumentos para conduzir a determinadas conclusões. Assim, pode-se recorrer à força argumentativa para diferenciar conectores aditivos de argumentos de ‘igual’ força que o primeiro argumento, como *asimismo*, *igualmente*, *de igual modo*, *del mismo modo* / *forma*¹⁷:

[24]

Los chilenos silbaron el himno pero *igualmente* los argentinos se hicieron sentir

A pesar de la fría noche en tierras chilenas, un gran número de hinchas argentinos siguieron la semifinal que enfrentó a Argentina con Paraguay. (*minutouno.com*, 30/6/2015).

Quando os falantes escolhem conectar seus argumentos mediante este grupo de conectores *de igualdad*, estão revelando uma clara intenção de manter a igualdade de importância deles, como demonstra este exemplo [24]; por outro lado, mediante a força argumentativa, podemos diferenciar outros conectores que acrescentam argumentos de “reforço” mas não necessários, como *además*:

[25a]

Mi suegra sí me ayudaba. Hacía toda la cocina, ¿eh? Aquí me hacía toda la cocina, toda. *Además* era una cocinera estupenda porque le gustaban mucho los libros de cocina (Fdez. Juncal, 2005: *Corpus de habla culta de Salamanca*, entrevista n°13).

[25b]

Sua Excelência, o ministro Nelson Jobim, é dado a esses “equivocos”. Quando deputado constituinte, fez incluir dispositivo na Constituição Brasileira sem a devida deliberação. Quando presidente do TSE, elaborou textos eleitorais para a aprovação do Congresso Nacional. É lamentável que o ministro desconheça o princípio da tripartição dos poderes, criação de Montesquieu, que, além de separar os poderes do Estado, dá a

¹⁶ E talvez seja esta diferença de escalas argumentativas que impede a expressão de um valor excludente mediante *en cualquier caso*, uma vez que as retificações costumam dar-se sempre na mesma escala. Por isso a incompatibilidade deste conector com *sino*: ‘no es sexista ni superficial, *sino / pero, en cualquier caso, criticable’.

¹⁷ Também não foram identificados registros dos conectores *igualmente*, *do mesmo modo* e *da mesma forma*, nos discursos do corpus textual de referência, em língua portuguesa.

cada um deles independência. Sem dúvidas, uma ingerência ilegítima e descabida que quebra a harmonia recomendada. *Ademais*, informo que tramita no Senado Federal o Projeto de Lei de minha autoria objetivando assegurar ao titular de um crédito decorrente de precatório o direito de um certificado que ateste o valor desse crédito e possa usá-lo em pagamento de tributos. Como se vê, o Legislativo tem procurado cumprir o seu papel. Se o Judiciário cumprisse a sua tarefa com a presteza necessária, já seria uma grande conquista para a nação e para o Estado de Direito. [59a](*Veja, Cartas ao Leitor, 2004-2005*)

O primeiro argumento já era suficiente para considerar a sogra do locutor uma joia, e o que faz o segundo argumento introduzido por *además* é arrematar esta parte de seu discurso e levar à conclusão de que “minha sogra fazia toda a comida y, *como se não bastasse*, cozinava maravilhosamente”, conclusão que não é obtida somente do primeiro argumento. Como vemos, o conector *además* acrescenta um argumento adicional (López, 1994:306-307; Llorente, 1996:209-210; Martín Zorraquino y Portolés, 1999:4094) que, em princípio, não parecia relacionado com o argumento anterior, mas que, na linha que importa, ‘mi suegra era una joya’, sim, o é.

Em [25b], o argumento que *ademais*¹⁸ introduz “informo que tramita no Senado Federal o Projeto de Lei de minha autoria objetivando assegurar ao titular de um crédito decorrente de precatório o direito de um certificado que ateste o valor desse crédito...” é um argumento coorientado que reforça o argumento anterior que já seria suficiente para conduzir à conclusão explícita de que “é habitual na atuação do ministro, infringir a autonomia dos poderes”; no entanto, o escritor utiliza o conector com um argumento coorientado com o anterior com o fim de reforçá-lo a favor de sua conclusão.

Finalmente, mediante a força argumentativa, diferenciamos também um conector aditivo de argumentos de “maior força”, o conector *sobre todo*:

[26a]

[sobre los profesores de su época universitaria] Eran universitarios vocacionales. Amaban a la Universidad de Salamanca... absolutamente. Se les notaba. Y, *sobre todo*, emitían, emitían esa vocación, ese gusto pues por hacer las cosas, ¿no?, ese disfrute que se tiene cuando estás desarrollando una labor que te llena, y a ellos les llenaba muchísimo (Fdez. Juncal, 2005: *Corpus de habla culta de Salamanca*, entrevista nº 9).

[26b]

¹⁸ É importante destacar que no *corpus* textual de referência, em língua portuguesa, identificou-se apenas um único registro do conector *ademais*. Considera-se que essa escassez de registros deve-se ao fato de que essa forma é menos usual e mais culta.

Excepcional a abordagem de VEJA acerca dos desvios de verbas nas prefeituras municipais. Citados diversas vezes na reportagem, os analistas e técnicos de finanças e controle da Controladoria-Geral da União (CGU) sentem-se revigorados pelo reconhecimento de seu trabalho, pois, a despeito de todas as dificuldades estruturais e das críticas de determinados grupos políticos, esses incansáveis servidores vêm desempenhando papel primordial no combate à corrupção no país, *sobretudo* em decorrência do Programa de Fiscalização por Sorteios Públicos, cujos relatórios sintetizados são regularmente divulgados pela CGU. Contudo, é lamentável que a publicação das constatações apuradas pelos agentes fiscais esteja servindo mais para a adoção de medidas efetivas visando a prevenir e combater os atos irregulares dos maus gestores. [38b](*Veja, Cartas ao leitor, 2004-2004*)

A força argumentativa nos tem servido, também, para descrever o funcionamento dos conectores contra-argumentativos, que introduzem, na maioria dos casos, o argumento de maior força¹⁹ e, portanto, o que pesará para a conclusão final, como demonstrado nos exemplos seguintes:

[27a]

Escribo indignado por los tuits de Guillermo Zapata. Quienes ostentan la responsabilidad pública deben ser intachables en sus comportamientos, actitudes y expresiones. *Pero* de acuerdo con esta aspiración, exijo el mismo rasero para todos los políticos, no solo los de nuevo cuño (*elpais.com, Cartas al Director, 16/6/2015*)

[27b]

Excelente o artigo de André Petry sobre o que ele denominou corretamente de ‘estupidez racial’. Diferentemente da sociedade americana, nunca tivemos racismo sancionado em lei. Os filmes americanos sobre o racismo das décadas de 50 mais parecem filmes de ficção científica. Muitas cenas são incompreensíveis. Nem mesmo podemos traduzir para o português a linguagem grosseira com que os americanos se referem aos negros. É inegável que há racismo no Brasil, *mas* isso não quer dizer que as soluções para o nosso problema sejam as mesmas que as adotadas para o racismo americano. Eu sou a favor da igualdade social. Como não poderia deixar de ser. Tenho a pele escura, por ter ascendência árabe. Se não fosse pelos movimentos negros das décadas de 60 e 70, eu estaria bebendo em um bebedouro no fundo e usando um banheiro separado de americanos. Não somente não estaria ensinando numa faculdade de direito americana como nem mesmo poderia estudar nela. Mas o Brasil tem peculiaridades e diferenças em relação à realidade americana. Mais uma vez copiamos, e copiamos mal. Com as ações afirmativas, estamos usando um bisturi para aplicar uma injeção. Obrigado, Petry. (*Veja, Cartas ao Leitor, 2004-2005*)

¹⁹ Somente o conector contra-argumentativo *aunque*, e nem sempre, escapa desta circunstância.

Em [27b], *mas* introduz um enunciado de maior força e o que muda o sentido da argumentação. Nesse enunciado, esperar-se-ia uma conclusão a favor das soluções adotadas pelos EEUU em relação ao racismo nesse país, e que poderiam ser adotadas igualmente no Brasil. No entanto, no enunciado que *mas* introduz, o falante argumenta que “não se pode adotar as mesmas soluções no Brasil” e inicia um novo movimento argumentativo não esperado de “crítica à adoção das soluções americanas contra o racismo, no Brasil”:

Também, a força argumentativa permite descrever os casos nos quais o conector contra-argumentativo *pero* introduz argumentos de oposição débil, como os casos de *pero explicativo* o *justificativo* (Acín, 1993:201-203):

[28a]

Quisiera agradecer a don Raimundo de los Reyes, director del Club de Fumadores por la Tolerancia, su réplica a mi carta (publicada esta el 27 de noviembre y aquella el 3 de diciembre en esta sección del diario EL PAÍS). Contrariamente a lo que usted (don Raimundo) pueda pensar, me agradó leerla, ya que, en cierta medida, la estaba esperando. *Pero* me agradó especialmente leerla porque comprobé que es usted una persona cabal y seguramente tolerante, y que compartimos muchas opiniones. Asimismo, me agradó leerla porque, como persona tolerante, acepto siempre de buen grado la crítica argumentada (*El País*, Cartas al Director, 10/12/1996).

O enunciado que introduz o conector cancela a “causa que seria inferida como habitual” do *agrado* expressado no enunciado precedente; e como o que apresenta este segundo enunciado é a “causa real desse agrado” (“*porque comprobé que es usted una persona cabal y seguramente tolerante, y que compartimos muchas opiniones*”), este aparece como uma justificativa.

O conector contra-argumentativo *mas* do português também aparece como introdutor de argumentos de oposição débil, na qual a oposição é marcada por um matriz explicativo, justificativo:

[28b]

As pessoas é que se deixam escravizar, seja pelo trabalho, pelo cônjuge, pelos filhos e até por bichos (Escravo de seu bicho⁶, 31 de maio). Os animais precisam de limites, assim como as crianças. Eu amo muito minhas três vira-latas, mas elas sabem o lugar delas. A relação é de cuidado mútuo; elas cuidam da casa, dão sinal quando qualquer estranho se aproxima, me recebem com festa e eu cuido delas como carinho, sem exageros. Bichos dão trabalho e alguma despesa, *mas* fazem bem para a saúde, porque qualquer tipo de amor vale a pena! (Veja, *Cartas ao Leitor*, 2005-2005).

Nesse discurso, a inferência obtida do enunciado introduzido pelo conector “é bom criar bichos” cancela a conclusão do enunciado anterior “não é bom criar bichos” e aparece como uma justificativa “porque qualquer tipo de amor vale a pena!”, o que parece difuminar o valor contra-argumentativo de *mas* em favor desse valor contextual justificativo.

Em alguns casos, este tipo de relação de oposição débil na qual predomina o contexto justificativo sobre o valor contra-argumentativo do segundo enunciado, com o que a oposição perde a intensidade, pode parecer que é possível a substituição do conector contra-argumentativo por um conector aditivo, como *e*. Isso nos pareceria possível no seguinte discurso:

[28c]

Finalmente li uma reportagem condizente com o que a Índia é realmente (Índia – Avanço, mas não de tigre. De elefante’, 7 de junho). Estive nesse país em março passado e me decepcionei com a pobreza e falta de infraestrutura. Esperava encontrar um país muito melhor, pois essa é a imagem que as reportagens das revistas econômicas passam para as pessoas. A analogia comparando a Índia a um elefante foi perfeita. Um país que está se desenvolvendo, *mas* carregando um peso enorme junto. (Veja, *Cartas ao Leitor*, 2005-2005).

Nesse discurso predomina o contexto justificativo sobre o valor contra-argumentativo do segundo enunciado, valor que parece sombrear-se, especialmente, quando é possível a substituição de *mas* por *e*: “um país que está se desenvolvendo e carregando um peso enorme junto”.

Por último, e em relação aos conectores da causalidade, a força argumentativa permite determinar que os conectores consecutivos introduzam o argumento mais forte, pois introduzem quase sempre a conclusão central do discurso, enquanto que os demais conectores da causalidade, causais, finais e condicionais introduzem um argumento de menor força²⁰. Observem-se, a este propósito, os exemplos seguintes, nos quais aparece um conector *pues* causal²¹, introdutor da justificativa do argumento anterior e, portanto, argumento subordinado a um argumento diretor (Portolés, 1997:208-210), e, no caso de [29a], ainda o conector consecutivo *por*

²⁰ Exceção feita ao conector causal *al fin y al cabo*, introdutor de argumentos de peso (Montolío, 1992).

²¹ Em espanhol, o conector *pues* tanto pode introduzir relações causais como consecutivas. No entanto, seu correspondente em língua portuguesa, o conector *pois*, aparece apenas como introdutor de relações argumentativas causais, no *corpus* analisado.

consiguiente, introdutor de um argumento diretor, que é a consequência de toda a argumentação anterior:

[29a]

Cuando oímos estas palabras tan técnicas nos parece que son cosas de los gobernantes o de los economistas, algo así como si esas cosas no fueran con nosotros; pero en realidad no es así, pues nos afecta a todos. Y me explico: si estamos pagando el piso y debemos unos millones, cada punto que baja el precio del dinero supone 10.000 pesetas por cada millón al año, o sea, si debemos 10 millones son justo 100.000 pesetas cada año; y si nos metemos en la compra de una nave, o un camión, o cualquier negocio, nos pasa exactamente lo mismo; pero además, si vamos a la compra, cualquier producto que compremos está afectado por esos tipos de interés de la misma manera. *Pues* el pescador, si ha comprado un barco nuevo, es fácil que esté pagando intereses, y el camión que trae la fruta, y el hortelano que la produce, suelen estar metidos en préstamos, y así en todos los productos.

Por consiguiente, los productos están afectados por los tipos de interés, y también la cesta de la compra, la ropa o el coche (*El País*, Cartas al Director, 26/3/1997).

[29b]

O Maranhão, com os piores índices sociais do país, é um exemplo da devastação provocada pela ação dos prefeitos e presidentes de câmaras nas finanças, na saúde, na educação e no IDH dos municípios. Aqui, infelizmente, são comprovadas as equações apresentadas na matéria, ou seja, que o atraso político e a impunidade são diretamente proporcionais à corrupção. A sensação de impunidade é generalizada e facilmente comprovada, *pois*, ao contrário do que ocorre no Rio Grande do Sul, aqui nenhum prefeito é condenado por desvio de recursos. Por mais que o Ministério Público reúna provas (e elas não são difíceis), não se consegue responsabilizar os ímprobos. (*Veja*, *Cartas ao Leitor*, 2005-2005).

O conector *pues* aparece nesse discurso como introdutor de uma relação causal marcadas por um conhecimento, juízo ou crença do falante, isto é, existentes no domínio epistêmico. Dessa forma, o fato explicativo asseverado englobado em B é uma explicação razoável ou justificativa do fato englobado em MA²². O fato englobado em B é de que, nas cidades do Maranhão, nenhum prefeito é condenado por desvio de recursos, enquanto que o fato englobado em MA manifesta o sentimento do falante “sensação de impunidade” em relação ao fato em questão.

²² A análise das relações argumentativas de causas, em língua portuguesa e seu contraste com o espanhol, foi realizada com base na hipótese de Santos Ró (1981) para análise das estruturas causais, em espanhol. Concretamente, o conector *pues/pois*, de acordo com esse autor, somente introduz relações causais explicativas de tipo 6, que seguem o esquema ‘MA,/que/porque/pues B’, em que a cláusula principal está modalizada e B não é uma presuposição; e de tipo 8, que seguem o esquema ‘A, porque/pues B’, em que, se assevera A, assevera-se B, que a causa que explica o fato A é o fato B e pressupõem que o fato englobado em B é normalmente uma causa do fato englobado em A. Nesse caso, *pues/pois* é sempre nexos causal-explicativo.

Segundo Moura Neves (2000:816), quando se examina a construção causal como a enunciação de fatos possíveis por um falante (que emite proposições), a subsequência se subordina à escolha que esse falante faz da apresentação dos fatos, o que reflete não somente a percepção dos eventos (perspectiva cognitiva), mas também a organização de uma porção de fala particular, dentro da qual esse aspecto cognitivo é só um dos componentes, subordinado à intenção comunicativa²³.

1.3. A TEORIA DA POLIFONIA ARGUMENTATIVA

A polifonia da argumentação resulta especialmente útil para indicar o funcionamento de determinados conectores em contextos irônicos - a ironia cria um contexto claramente polifônico -, como os conectores contra-argumentativos *y eso que / eso sí*: enquanto o primeiro destes conectores enfatiza o fato contido no argumento anterior, o segundo atenua sua conclusão, por tratar-se de conectores de comportamento oposto. No entanto, une-os sua frequente aparição em contextos irônicos:

[30]

Después de 20 tomas, Wolfgang Petersen, el director, me llamó aparte y me dijo que el primer día de trabajo con Clint Eastwood en "En la línea de fuego", necesitó 40 tomas para que dijera su parte con soltura... *Y eso que* Clint tiene fama de ser rápido... (*La Vanguardia*, Cartas al Director, 3/4/1995).

Com *y eso que* se está expressando que, apesar de cancelar a conclusão ou inferência do primeiro enunciado, como conector contra-argumentativo que é, o fato que este contém se produz, pois, na verdade, o que faz *y eso que* é enfatizar ainda mais o peso deste fato do ponto de vista argumentativo (Santos Río, 2003:659-660).

[31]

No hay que ir en contra de los avances técnicos, pero siempre que un mal uso no implique nuevos graves riesgos propios y, sobre todo, ajenos. Para quienes sea en efecto vital el uso del móvil a bordo de sus coches, están los "manos libres", cuya instalación cuesta cuatro duros. Pero *eso sí*: son discretos y quizá por ello aún no hayan tenido éxito (*El País*, Cartas al Director, 26/11/1996).

²³ A tradição gramatical em língua portuguesa classifica este tipo de oração sob a etiqueta de "coordenadas explicativas" (iniciadas por *porque*, *que* o *pois*) que Moura Neves (2000:801-829) abriga na classe de construções causais que ocorrem entre *enunciados* (atos de fala) e que tem comportamento semelhante às relações causais explicativas de Santos Río (1981).

Nesse exemplo, o primeiro enunciado contém um argumento valorizado positivamente pelo falante, “os telefones ‘*mãos livres*’ são baratos”, que o leva a concluir “a favor da instalação dos telefones ‘*mãos livres*’ nos carros”; no entanto, com o conector *eso sí*, é introduzido um argumento, “os telefones ‘*mãos livres*’ são discretos”, que é considerado negativo por outros enunciadores (por exemplo, para os usuários dos telefones móveis). Deste modo, a “discrição”, ainda sendo normalmente um valor positivo, passa a ser, neste discurso e para uns enunciadores concretos, não para o falante e locutor, um valor negativo que atenua a força argumentativa da conclusão anterior, “*já não muito a favor da* instalação dos telefones “*mãos livres*” nos carros”, daí a ironia desse discurso.

Podemos recorrer também à polifonia argumentativa para analisar o valor refutativo do conector contraargumentativo *sin embargo*, frente ao também contraargumentativo *no obstante* (Blakemore, 1992:141; Briz, 1997:23), até agora considerados variantes estilísticas: este valor apareceria em contextos polifônicos, dialógicos, nos quais o enunciado introduzido pelo conector refuta um argumento procedente de outro locutor²⁴:

[32]

Era Flaubert quien lo decía: "Estamos organizados para el dolor". Lo recordé el domingo, cuando empezaron a llegar las primeras imágenes de la que es ya una de las más sobrecogedoras tragedias naturales de los últimos cien años. Flaubert se refería, claro está, a la casi innata capacidad individual del ser humano para soportar la adversidad y sus dolores.

Hay hoy, *sin embargo*, zonas enteras del planeta donde lo único que está organizado socialmente es el dolor. Zonas golpeadas por la más ruda carencia de todos los bienes materiales; zonas condenadas a soportar poderes políticos despóticos y satrapías sociales y económicas sin cuento; zonas que no sólo viven en guerra con cualquier posibilidad razonable de alcanzar el bienestar sino peleadas con una naturaleza que maltrata a sus pobladores con la brutalidad de una venganza; zonas, en fin, en las que, como escribía el propio Flaubert, las personas no pueden labrarse su destino, pues deben limitarse a soportarlo (*La Voz de Galicia*, Cartas al Director, 29/12/2004).

No discurso desse exemplo, temos, pelo menos, dois enunciadores, o segundo dos quais cancela a conclusão “a dor é suportada de forma individual”, em virtude de

²⁴ Não foi registrado no corpus textual de referência, em língua portuguesa, nenhum discurso com o conector *no entanto*, correspondente discursivamente ao conector *sin embargo*, do espanhol, em um contexto polifônico ou dialógico em que pudesse estar representando esse valor refutativo.

tratar-se de uma refutação do enunciado emitido pelo enunciador anterior. Deste modo, a continuidade do discurso após uma refutação seria a de um enunciado-réplica a essa refutação, tipo “*sim que é verdade. O que acontece é que...*”. Neste caso, o uso do conector *no obstante*, suscetível de aparecer nesse discurso, manifestaria esse contexto de réplica; expressaria unicamente uma oposição contra-argumentativa, que levaria à conclusão “embora a dor seja suportada de forma individual, há também uma capacidade coletiva para sofrer”, oposta ao conteúdo do enunciado precedente.

No discurso abaixo, identificamos a presença de um valor refutativo:

[60b]

Presidente, sua casa está suja, desorganizada, exalando um cheiro fétido tão devastador quanto os efeitos atômicos. Reeleição? Parta para uma faxina radical. Investigue. Puna. Quem sabe, alguns voltem a acreditar. *Não obstante*, não conte com meu voto. Perdão? Traição. (Veja, *Cartas ao Leitor*, 2005-2005).

Nesse discurso, *não obstante* introduz o membro discursivo que cancela diretamente a inferência obtida do membro discursivo anterior: “votarei em você”, indicando uma relação concessiva e um valor refutativo, o que o diferencia do conector *no entanto*.

Por último, a polifonia argumentativa nos permite explicar o valor excludente do conector opositivo *más bien*, que aparece especialmente em contextos de refutação, que implicam a presença de mais de um enunciador na argumentação:

[33]

“La malaria provoca sufrimientos indecibles en las regiones más pobres del mundo, por lo que no podemos limitarnos a buscar una vacuna eficaz”, advierte Anthony Fauci, el director del NIAID.

“*Más bien* deberíamos pergeñar estrategias innovadoras que lleven tales vacunas a las regiones donde las condiciones económicas impiden el uso de alternativas más costosas” (*La Razón*, Cartas al Director, 18/12/01).

Neste contexto polifônico, o conector *más bien* enfrenta duas opiniões ou argumentos que se supõem ditos, inclusive com explicitação do verbo ilocutivo *advertir* e a transcrição de uma citação literal, por dois enunciadores diferentes, embora se encontrem no mesmo falante: ‘*quero dizer* que não é X, *sino* Y’; o primeiro enunciado contém a opinião de um dos enunciadores e o segundo enunciado contém

a opinião do outro, que é a que definitivamente se impõe mediante a exclusão da anterior.

2. CONCLUSÕES

Ao longo desta discussão, pretendemos aplicar à análise dos marcadores discursivos o aparato teórico disposto pela Teoria da Argumentação a partir de um ponto de vista contrastivo, destacando semelhanças e diferenças entre os referidos marcadores em português e em espanhol. Destacamos que este tipo de análise não deve se distanciar da abordagem dos valores pragmáticos que estas unidades expressam no discurso e no contexto de comunicação, conforme se destaca na Teoria da Relevância. Pretendemos, em trabalhos futuros, dedicar-nos ao estudo dos referidos valores pragmáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ACÍN, E. *Aspectos de la adversación en español actual*. A Coruña: Servicio de Publicaciones de la Universidad de A Coruña, 1993.
2. ACÍN, E. Los marcadores de función textual “intensificación” *es más, más aún y máxime*. In: MARTÍN ZORRAQUINO, M.A. y MONTOLÍO, E. (coords.), *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, 1998: 163-176.
3. ADAM, J.M. *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Nathan, 1992.
4. ÁLVAREZ, M. *Tipos de escrito II: exposición y argumentación*. Madrid: Arco Libros, 1994.
5. ANSCOMBRE, J.C. y O. DUCROT, 1983, *L'argumentation dans la langue*. Lieja: Mardage, 1983.
6. BARRENECHEA, A.M. Problemas semánticos de la coordinación. In: BARRENECHEA, A.M. y otros (eds.), *Estudios lingüísticos y dialectológicos. Temas hispánicos*. Buenos Aires: Hachette, 1979: 7-19.
7. BLAKEMORE, D. *Understanding utterances*. Oxford: Blackwell, 1992.

8. BRIZ, A. Coherencia y cohesión en la conversación coloquial. *Gamma-Temas*, 2, 1997: 9-43.
9. CALSAMIGLIA, H. y A. TUSÓN. *Las cosas del decir. Manual de análisis del discurso*. Barcelona: Ariel, 1999.
10. LIRA DIAS, M. M. *Los Conectores Discursivos desde la Retórica Contrastiva: uso y contraste. Español-portugués*. Salamanca: Tesis Doctoral, 2010.
11. DOMÍNGUEZ GARCÍA, M. N. *La organización del discurso argumentativo: los conectores*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca (CD-R), 2002.
12. DOMÍNGUEZ GARCÍA, M. N. *Conectores discursivos en textos argumentativos breves*. Madrid: Arco Libros, 2007.
13. DUCROT, O. Note sur l'argumentation et l'acte d'argumenter. *Cahiers de Linguistique Française*, 4, 1982: 143-163.
14. DUCROT, O. et al. *Les mots du discours*. Paris: Les Editions de Minuit, 1980.
15. ESCANDELL VIDAL, M. V. *Introducción a la Pragmática*. Madrid: UNED/Anthropos, 1993.
16. ESCANDELL VIDAL, M. V. *Introducción a la Pragmática*. Barcelona: Ariel, 1996.
17. FUENTES, C. Pragmática y relación intratextual: el caso de *hasta, incluso y ni siquiera*. *E.L.U.A.* 4, 1987: 159-176.
18. GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, S. Causales. *BRAE*, LXXX/CCLXXIX, 2000: 47-159.
19. LLORENTE, M. T. *Organizadores de la conversación*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca/ Caja Salamanca y Soria, 1996.
20. LÓPEZ, Á. *Gramática del español I. La oración compuesta*. Madrid: Arco Libros, 1994.
21. MARTÍ SÁNCHEZ, M. Recorrido por *ni*, *Lingüística Española Actual*, XX, 1, 1998: 79-105.
22. MARTÍN ZORRAQUINO, M. A, y J. PORTOLÉS, 1999, Los marcadores del discurso. In: I. BOSQUE, y V. DEMONTE (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999: 4051-4213.
23. MOESCHLER, J. *Argumentation et conversation: Éléments pour une analyse pragmatique du discours*. Saint Cloud: Hatier Credif, 1985.
24. MONTOLÍO, E. La teoría de la relevancia y el procesamiento de las estructuras condicionales. In: MARTÍN VIDE, C. (ed.), *Lenguajes naturales y lenguajes formales*

- (*Actas del VII Congreso de lenguajes naturales y lenguajes formales*). Barcelona: PPU, 1992: 453-459.
25. MOURA NEVES, M. H. O Coordenador interfrasal mas – invariancia e variantes. *Alfa, Revista de Lingüística*. São Paulo, 1984
 26. MOURA NEVES, M. H. (org.): *Gramática do português falado*. Sao Paulo: Editora da UNICAMP, 1999.
 27. MOURA NEVES, M. H. (2000): *Gramática de usos do português*. Sao Paulo: Editora UNESP, 2000.
 28. PORTOLÉS, J. Sobre la organización interna de las intervenciones. In: BRIZ, A. et al. (eds.), *Pragmática y gramática del español hablado (Actas del II Simposio de análisis del discurso oral)*. Valencia/Zaragoza: Dpto. de Filología Española / Pórtico, 1997: 203-214.
 29. PORTOLÉS, J. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Ariel, 1998a.
 30. PORTOLÉS, J. La teoría de la argumentación en la lengua y los marcadores del discurso. In: MARTÍN ZORRAQUINO, M.A. y MONTOLÍO, E. (coords.). *Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*, Madrid: Arco Libros, 1998b: 71-91.
 31. ROULET, E. et al. *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang, 1985.
 32. RUIZ, L. y S. PONS. Escalas morfológicas o escalas argumentativas. *Español Actual*, 64, 1996: 53-74.
 33. SÁNCHEZ LÓPEZ, C. Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas. In: I. BOSQUE y V. DEMONTE (dirs.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa, 1999: 1025-1128.
 34. SANTOS RÍO, L. Reflexiones sobre la expresión de la causa en castellano. *Studia Philologica Salmanticensia*, 6, 1981: 231-277.
 35. SANTOS RÍO, L. *Diccionario de partículas*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 2003.
 36. VAN EEMEREN, F.H. et al. Argumentation. In: VAN DIJK, T.A. (comp.), *Discourse as Structure and Process*. London/New Delhi: Thousand Oaks/Sage Publications 1997: 208-229.
 37. ZENONE, A. La consecution sans contradiction: *donc, par consequent, alors, ainsi, aussi* (première partie). *Cahiers de Linguistique Française*, 4, 1982: 107-142.

ABSTRACT: This paper analyses Spanish and Portuguese connectives in the framework of the Argumentation's Theory (J.C. Anscombe & O. Ducrot, among others). Connectives are the subtype of discourse markers that specializes in signaling the argumentative relations of addition, opposition and causality between statements. *L'argumentation dans la langue* (Anscombe & Ducrot 1983) analyses the relations between statements and their connectives from conditions such as the force, the scales or the polyphony. Thus, Spanish and Portuguese languages have connectives that introduce the stronger statement for a final conclusion (*sin embargo/no entanto –however-*), or place their statement in a certain level of an argumentative scale (*incluso / inclusive, sobretudo –even-*), or introduce polyphonic statements, such as the ironic ones (*y eso que, eso sí, más bien*).

Keywords: connectives; discourse analysis; argumentation; portuguese; spanish.